

“ATRÁS DAS CORTINAS” DO PROJETO EXTENSIONISTA DA FEF-UNICAMP NA ÁREA DO CIRCO: O QUE NÃO DEU CERTO?

“BEHIND THE CURTAINS” OF THE FEF-UNICAMP EXTENSION PROJECT IN THE CIRCUS AREA: WHAT DIDN’T WORK?

“DETRÁS DE LAS CORTINAS” DEL PROYECTO DE AMPLIACIÓN FEF- UNICAMP EN LA ZONA DEL CIRCO: ¿QUÉ NO FUNCIONÓ?

Marco Antonio Coelho Bortoleto¹

Resumo: Para que algo dê certo é preciso tentar e, não raramente, “errar”. Ainda que muitas ações extensionistas tenham prosperado no Projeto de Extensão de Circo (FEF/Unicamp), as análises desse texto se referem àquelas que não resultaram como o esperado, “erros” que queremos evitar futuramente. Para isso, analisamos os relatórios anuais de 2006 a 2023, destacando os principais problemas encontrados. Dentre eles, a descontinuidade de algumas ações, a curta permanência dos monitores, a falta de financiamento regular e a não presença constante do coordenador são os que merecem maior atenção.

Palavras-chave: artes cênicas; extensão universitária; análise retroativa.

Abstract: To make something works you have to try and often “make mistakes”. Although several outreach activities prospered in the Circus Project (FEF/Unicamp), the analyzes of this manuscript are dedicated to those that did not result as expected, “errors” we would like to avoid in the future. Annual reports from 2006 to 2023 were reviewed, highlighting the major problems faced. Among them, discontinuity in some activities, instructors’ short participation, lack of regular funding and not regular presence of the coordinator are those that deserve the most attention.

Keywords: scenic arts; university outreach; retroactive analysis.

Resumen: Para que algo funcione hay que intentarlo y, no raramente, “cometer errores”. Aunque muchas acciones prosperaron en el Proyecto de Extensión del Circo (FEF/Unicamp), los análisis de este texto se refieren aquellas que no resultaron como se esperaba, para evitar que reaparezcan. De ese modo, revisamos los informes anuales de 2006 a 2023 y destacamos los problemas enfrentados. Entre ellos, la discontinuidad de algunas actividades, corta permanencia de los monitores, la falta de financiación regular y la no presencia constante del coordinador son los que merecen mayor atención.

Palabras clave: artes escénicas; extensión universitaria; análisis retroactivo.

¹ Doutor em Educação Física, FEF-UNICAMP, coordenador do Grupo de Pesquisa em Circo (CIRCUS).

INTRODUÇÃO

Tudo aquilo que não deu certo, que não aconteceu como previsto, ou que desviou-se das expectativas iniciais, conforma um conjunto de experiências que pode ser incluído na genérica noção do “erro”. Quer seja no sentido comum da expressão “errar é humano” ou com base nas interpretações mais rigorosas do método científico, da matemática, ou da estatística, o erro frequenta a atividade acadêmica, embora seja um assunto dissimulado ou, com frequência, tratado de forma velada. Não raramente, quando é debatido, as análises visam atenuar o erro, dar menor importância e, por que não, isentar os envolvidos das responsabilidades (BAGDONAS; ZANETIC; GURGEL, 2018).

Não obstante, se erramos, conscientemente ou não, pode ser que o erro seja considerado um aspecto relevante da aprendizagem e permita reflexões que contribuam para repensar nossos projetos, incluindo as nossas ações extensionistas (CEDRAN et al., 2017).

Nesse sentido, objetivamos tecer uma “reflexão sobre o erro” ou, talvez, sobre “o que não deu certo”, tomando em consideração a análise de Gleizer (2013) sobre o “problema do erro” no pensamento do filósofo Baruch Espinosa. Uma análise sintética que expõe certos desconhecimentos, ou como diria Espinosa, demonstra a “privação de ideias adequadas” (GLEIZER, 2013, p. 175). Desse modo, revisamos os relatórios das ações extensionistas realizadas entre 2006 e 2023, inclusive aquelas que não tiveram continuidade e outras que sequer saíram do papel. Versamos, pois, sobre os possíveis erros ou, como poderiam dizer “almas mais leves”, sobre dificuldades enfrentadas e que impediram que alcançássemos plenamente os nossos objetivos. Mais especificamente, destacamos ações que fizeram parte do projeto de extensão de circo, coordenado pelo autor e que vem tendo a valiosa contribuição de muitas outras pessoas ao longo de quase duas décadas na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) (BORTOLETO; MALLETT; TUCUNDUVA, 2016).

ANTES DOS ERROS, FALEMOS DOS ACERTOS

O projeto de extensão em Circo na FEF/Unicamp teve início em 2006 e mantém-se ativo até os dias atuais. Nesse percurso, desenvolvemos ações pontuais (eventos, cooperações com organizações, escolas, assessoria pedagógica a municípios etc.) e outras

continuadas, como é o caso das turmas semestrais de ensino de “circo para crianças” (2006-2023).

A realização de inúmeras oficinas e cursos de curta duração, quatro edições do Seminário Internacional de Circo e a décima edição da Convenção Brasileira de Malabares e Circo (2008) exemplificam o nosso esforço constante em compartilhar e interagir com a comunidade (local, nacional e internacional). Centenas de profissionais tiveram a oportunidade por meio dessas atividades de conhecer ou ampliar a sua qualificação profissional no âmbito do circo, com reverberações que somos incapazes de aferir. Milhares de pessoas assistiram às muitas performances e espetáculos ou participaram das oficinas que realizamos no contexto da Unicamp (por exemplo, o programa Universidade de Postas Abertas – UPA; Ruas de Lazer, Programa UNIVERSIDADE, Dia da Cidadania etc.), o que consolida um diálogo regular com a nossa comunidade.

Dentre as turmas do projeto regular de extensão, tivemos a oportunidade de desenvolver saberes sobre o ensino do Tecido, Trapézio, Lira, entre outras modalidades circenses, atraindo não apenas neófitos, mas também muitos praticantes experimentados, conformando um profícuo espaço de prática e estudo do corpo, da cultura e da arte. Durante mais de 18 anos, algumas milhares de pessoas acessaram os saberes do circo na condição de praticantes-fazedores, e produziram experiências que certamente se somam àquelas vividas quando assistem espetáculos circenses e que também têm enorme valor (BORTOLETO; MALLET; TUCUNDUVA, 2016).

Por outro lado, dezenas de colaboradores, graduandos ou pós-graduandos, oficialmente denominados “Monitores”, hoje atuam como artistas profissionais ou professores de circo Brasil afora. Os laços positivos são tão fortes que, frequentemente, recebemos visitas destes, o que traz novas oportunidades de trocas. Assim, ao seguir os ensinamentos de outro relevante projeto de extensão da FEF/Unicamp, o Grupo Ginástico Unicamp (GGU) (MENEGALDO; BORTOLETO, 2021), a extensão de circo é orbitada por muitas companhias, artistas e entusiastas das artes, o que contribui para a renovação permanente dos saberes.

Um aspecto marcante dos princípios que modulam a ação extensionista, como destacamos mais detalhadamente em Bortoleto, Ontañón, Mallet, Tucunduva (2017), está na busca pela coerência entre as práticas de ensino, pesquisa e extensão. Dessa forma, o

processo aqui relatado aconteceu em sinergia com a instauração e o oferecimento regular de uma disciplina de graduação e com o trabalho do Grupo de Pesquisa em Circo (CIRCUS). Com efeito, nos parece importante destacar que a extensão foi *locus* de um conjunto de estudos que, a sua vez, resultaram em diversas publicações (BORTOLETO; MALLET; TUCUNDUVA, 2016; BRACCIALLI; BORTOLETO, 2021; MELO et al., 2019; ONTAÑÓN et al., 2016).

De modo concomitante, dia a dia, constituímos por meio das ações extensionistas um vibrante laboratório pedagógico, espaço formativo para dezenas de graduandos da Faculdade de Educação Física, mas também da Faculdade de Educação, do Instituto de Artes e outras unidades da Unicamp (RODRIGUES et al., 2020). Paulatinamente, essas ações extensionistas conformaram um relevante elemento para a configuração de uma nova área de pesquisa na FEF/Unicamp, cuja contribuição vem sendo reconhecida nacional e internacionalmente (BORTOLETO; MALLET; TUCUNDUVA, 2016).

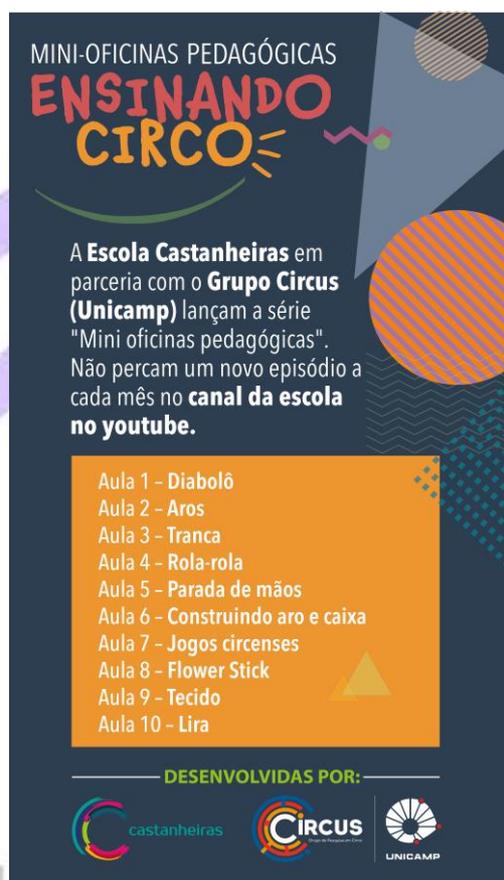
A cooperação interinstitucional por meio de convênios formais concretizou a nossa parceria com entidades públicas, como foi o caso da Prefeitura Municipal de Franco da Rocha (SP), assessorando a implementação de um projeto de circo na cidade. Por mais de uma década colaboramos ativamente com organizações como o Instituto de Incentivo à Criança e Adolescente de Mogi Mirim-SP (ICA), criando inúmeras oportunidades formativas e laborais, que materializam o relevante papel da Extensão em conectar a universidade à sociedade.² Ainda nesse âmbito, diversas parcerias com o setor privado, como os cinco anos de convênio com a Escola Castanheiras (Santana do Parnaíba – SP),³ ilustram o permanente diálogo com a educação básica, o que resultou em uma significativa produção pedagógica-didática, como por exemplo a série de vídeos disponíveis no canal do Youtube (Figura 1). Da mesma forma, a parceria com a Escola

² A importância dessas cooperações foi reconhecida com o Prêmio da Associação dos Docentes da Unicamp (ADUNICAMP) de 2022 na categoria “Arte e Engajamento Social”: <https://www.fef.unicamp.br/fef/noticias/2022/03/premio-de-reconhecimento-prof-mohamed-habib-2021>

³ Cooperação que resultou, entre outras produções, na dissertação de mestrado de Caroline Melo Capellato intitulada “Atividades circenses: compartilhando praticas pedagógicas no ensino extra-escolar” (CAPELLATO, 2020).

Nacional de Circo de Montreal (ENC-MTL)⁴ revela a amplitude das ações extensionistas que, de forma recorrente, ampliaram a raio de ação e o impacto social do trabalho realizado em uma universidade pública.

Figura 1 - Vídeos didáticos CIRCUS/UNICAMP e Escola Castanheiras



Fonte: <https://www.youtube.com/@escolacastanheiras6415/videos>

Não há como negar que estamos contribuindo para a presença do circo na nossa universidade e para a mudança do olhar da “academia” sobre essa arte, como também estão fazendo colegas em várias outras instituições de ensino superior no Brasil (BORTOLETO, 2023). Contudo, como indicamos anteriormente, em meio a essas valiosas experiências algumas ações não deram certo. Aliás, podem ser consideradas

⁴ Após anos de negociação e consolidação da parceria, o convênio com a ENC-MTL foi firmado em 2018, renovado em 2022 permitindo inúmeras cooperações, como exemplifica a reportagem: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2018/09/10/respeitavel-publico-brasil-e-canada-juntos-pelo-circo>

expressão de nossos “erros”, gerando reflexões que podem contribuir para o futuro do projeto. Falemos, então, dos nossos “erros”.

INDESEJADOS, PORÉM EXISTENTES.

[...] o erro não remete mais a uma falta imputável ao sujeito, mas resulta de ilusões naturais que ocorrem necessariamente em certas circunstâncias e que se enraízam nas ideias inadequadas que temos em virtude de nossa mente ser apenas uma parte finita de uma totalidade pensante infinita. (GLEIZER, 2013, p. 153).

Uma das primeiras ações que empreendemos no contexto da Unicamp foi o “Encontro Aberto de Circo”, uma atividade semanal com três horas de duração, aberta, gratuita e sem nenhuma formalidade (inscrição, pré-requisito etc.). Durante mais de 5 anos o projeto funcionou plenamente graças ao engajamento de muitos alunos de graduação e pós-graduação, pessoas que conformaram as raízes do Grupo de Pesquisa em Circo (CIRCUS). O projeto foi concebido como um encontro de “livre-participação” e visou fomentar aprendizagem e o intercâmbio sem uma orientação formal (monitores), ressaltando a força do coletivo e da generosidade. Com o tempo e considerando a esperada fluidez do corpo discente que colaborava no projeto, o que levou muitos deles a permanecer pouco tempo nos projetos (2 ou 3 semestres), foi mais difícil encontrar discentes que quisessem contribuir na atividade e que estivessem motivados a praticar circo. Possivelmente a criação de outras ações extensionistas, o aumento das turmas oferecidas e a expansão das nossas ações para além do território da Unicamp, como foi o caso do Projeto Circo na Escola, tenha dissipado a nossa capacidade de gestão e manutenção de ações como o Encontro Aberto de Circo.

Assim, vimos semestre após semestre essa ação perder força e, num determinado momento, notamos que quase já não tínhamos discentes que colaboravam e a participação do coordenador sozinho não bastava. Observamos recorrentes situações de exposição deliberada e excessiva ao risco. Notamos também que a ideia inicial de uma atividade autossustentável não estava mais presente, de modo que nossa energia para manter o

projeto foi minguando. Assim, em 2012 decidimos interromper o projeto e, infelizmente, nunca mais conseguimos retomá-lo.

O “encontro aberto” nos mostrou a força da liberdade, da autogestão, das trocas horizontais, da aprendizagem coletiva, algo característico do circo e seus encontros (MONTANINI; RIBEIRO; BORTOLETO, 2020). Mas também aprendemos que é preciso um acompanhamento permanente por parte do coordenador, bem como de uma equipe entusiasmada e presente. A universidade não me perdoaria no caso de um acidente grave, especialmente se acontecesse por um descuido (falta de manutenção, falta de equipamento de segurança etc.). Aprendemos, ainda, que às vezes a nossa incapacidade de realizar abre portas para outras ações, como foi no caso do início do Encontro Campineiro de Circo, no Teatro de Arena da Unicamp. Infelizmente, por razões similares, essa atividade foi descontinuada alguns anos depois.

Entre 2009 e 2010, tivemos a oportunidade de iniciar uma cooperação com o Centro de Estudos e Pesquisas em Reabilitação (CEPRE) da Unicamp, realizando oficinas e visitas de artistas com pequenas performances para o público regular do CEPRE. Notamos que a nossa prática pedagógico-artística se mostrava potencialmente interessante para distintos processos terapêuticos desenvolvidos naquele lugar e nossos desejos foram estimulados. Embora tenhamos feito muitas reuniões e tentativas para formalizar a cooperação, vimos essa luz se apagando aos poucos e, hoje, muitos anos depois, lamentamos não termos dado sequência. Faltou-nos fôlego!

Entre 2006 e 2020, direcionamos enorme energia no projeto “Circo na Escola” cujo objetivo era ampliar o nosso contato com escolas de Educação Básica (Infantil e Fundamental) da Região Metropolitana de Campinas (RMC), que agrupa 22 municípios.⁵ Buscávamos, por meio de espetáculos e oficinas junto às/aos pedagogas/os das escolas, contribuir para a integração da arte do circo às práticas escolares. Por meio dessa ação, tratávamos de realizar a transferência quase que imediata dos resultados das pesquisas que realizamos no campo do ensino do circo no contexto escolar para a comunidade (CARDANI et al., 2017; RODRIGUES et al., 2020). O projeto pode ser considerado exitoso, já que possibilitou o diálogo com mais de uma centena de escolas, abrangeu milhares de estudantes, formou dezenas de professoras/es e permitiu a elaboração de um

⁵ Informações complementares disponíveis em: <https://circonaescola.com.br/>

livro infantil digital de acesso livre (disponível em 12 idiomas, em formato audiolivro, e com versões para pintar). No entanto, a análise retrospectiva do projeto permite destacar alguns erros que se mantiveram presentes ao longo de todo esse tempo, a saber: a dificuldade de atrair novos monitores (estudantes-artistas); a falta de um financiamento regular e prolongado levando a descontinuidade e constante incerteza; a impossibilidade de conseguir verba para a criação de um espetáculo dedicado ao contexto do projeto (escola – educação infantil) com artistas circenses permanentes. E um dos sentimentos mais frustrantes foi observar um aumento das escolas que buscavam uma parceria conosco e a nossa incapacidade de atendê-las.

No âmbito dos convênios institucionais, tivemos uma parceria por vários anos com a Fundação Nacional das Artes (FUNARTE), o que permitiu uma profícua cooperação com a Escola Nacional de Circo (ENCLO), situada na cidade do Rio de Janeiro. A ação permitiu a realização de pesquisas (BORTOLETO; CASTRO; BELLOTTO, 2023), visitas e estágios de estudantes de graduação e pós-graduação da Unicamp, bem como a vinda de diversos professores e alunos-artistas da ENCLO para a Unicamp (Figura 2). Somamos forças e isso é inegável!

Não obstante, a burocracia envolvida e, sobretudo, mudanças na gestão do Governo Federal não permitiram a sua continuidade. O erro, portanto, está na falta de estratégias para renegociar a continuidade do convênio, na nossa habilidade “político-institucional”. A descontinuidade, novamente, prejudicou a manutenção de uma colaboração que em nosso entendimento foi benéfica para ambos os lados durante toda a sua vigência.

Figura 2 - Performance dos alunos da ENCLO no Programa Conexões Culturais da Unicamp (2016) - Espetáculo Fragmentos.



Fonte: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2016/05/05/conexao-cultural-apresenta-o-espetaculo-circense-fragmentos>

Por fim, cabe mencionar que tivemos que interromper o projeto de extensão no final do primeiro semestre de 2023 devido ao afastamento do coordenador por razão de um período de pesquisa no exterior. Embora tenhamos recebido suporte de outros docentes por um semestre, a decisão de interromper, ainda que temporariamente, o projeto foi tomada devido à dificuldade de um acompanhamento próximo e atento. Desde o início das nossas ações extensionistas a presença do coordenador e o envolvimento profundo dos alunos-monitores (graduação e pós-graduação) representa um elemento chave para o desenvolvimento do projeto. A integração ensino-pesquisa-extensão não se dá de forma mecânica, espontânea e fluída, ela requer um trabalho contínuo e intenso. Manter o projeto sem que de fato possamos observar a referida integração, e, também, a geração de novos saberes e de profissionais mais qualificados, não atende os nossos desejos acadêmicos. A extensão como espaço de “atendimento” ou de “reprodução” não é o que buscamos. Por isso, decidimos paralisar, reorganizar as nossas forças para poder retomar no ano seguinte com o mesmo entusiasmo que tivemos quando tudo teve início, em 2006. Nosso erro aqui foi o da distância (do coordenador) e, possivelmente, da não construção de uma ação coordenada com outros docentes da universidade, um evidente desafio ainda presente no contexto em que atuamos.

CONCLUSÕES

Como foi exposto, “erros” revelam saberes importantes para avaliarmos as nossas condutas e, assim, rever a nossa ação. Não seria diferente no contexto da extensão universitária. Como acontece na vertente da pesquisa e da produção vinculada a ela (livros, artigos), os erros são pouco apreciados e escassamente debatidos. Revisitá-los, por razão desse manuscrito, nos foi muito importante.

Vimos, ademais, que há “erros” sistêmicos, implícitos nas políticas universitárias com respeito à atividade extensionista, à sua valorização e continuidade. Aliás, ao infra-valorizar a extensão, erro histórico e que vem sendo enfrentado com coragem por várias instituições (FERNANDES et al., 2012), a universidade perde uma maravilhosa oportunidade de ampliar o seu enraizamento social, a sua vinculação com a sociedade que a mantém e que lhe concede sentido existencial, como melhor discute Gadotti (2017).

Dentre os “erros” aqui assumidos publicamente, a descontinuidade das ações é o mais relevante. Assim como na pesquisa, a ação prolongada, firme e resiliente, oferece o tempo necessário para o amadurecimento e para o reconhecimento institucional das ações extensionistas. Desse modo, os projetos que não puderam continuar, pelo “erro” que seja, não tiveram tempo de aprimorar-se, de alcançar a nossa comunidade e estabelecer um diálogo como ela. Logo, não alcançaram o pleno objetivo da extensão! Precisamos reconhecer esse “erro” para buscar novas estratégias e, quem sabe, poder continuar sem que tais falhas se repitam.

No caso do Projeto de Extensão em Circo da FEF-UNICAMP aqui analisado, parece-nos que reduzir as frentes de ação, dada a nossa dificuldade para renovar o contingente operacional e a obtenção recursos financeiros para o seu pleno desenvolvimento, é uma opção a ser deliberada.

Nesse sentido, entendemos que manutenção das/dos colaboradoras/es, sobretudo do corpo discente (graduação e pós-graduação), está atrelada aos recursos financeiros, comumente captados pelo coordenador e não disponível como verba institucional ou orçamentária (garantida), o que fragiliza as atividades extensionistas.

Do mesmo modo, a presença, o engajamento e a capacidade de agrupamento (ou seja, de criar um coletivo entusiasmado) da coordenação representa um aspecto central. Reconheço que fui exitoso em muitas oportunidades, mas em outras “errei”, mesmo que de forma não-intencional (como costuma ser o erro). O excesso de atribuições, a

dificuldade de dizer não (selecionar, priorizar, reduzir), a falta de tempo e até mesmo o render-se à pressão do “produtivismo científico” (pela pressão da universidade e, particularmente do programa de pós-graduação), me levaram ao afastamento de algumas ações da extensão, o que as enfraqueceu ou até mesmo as condenou ao fim. Assim, decidi reduzir drasticamente as ações extensionistas que coordeno para envolver-me mais nas que serão reiniciadas em 2024. Estar presente, voltar a apaixonar-me pelas aprendizagens da extensão. Assim pretendo seguir!

Dentre os “erros” que não quero seguir cometendo, mesmo sempre atento a essa forma nefasta da falha, é o de deixar de dialogar constante e francamente com outros líderes extensionistas e, por conseguinte, com outros projetos de extensão. Por isso incentivei e me engajei numa rede de projetos de extensão de circo que hoje agrupa diversas universidades brasileiras, com o intuito de escutar e aprender destes colegas. Depois de quase 20 anos de atuação nesse contexto, vejo que há muito o que aprender! De fato, muitas destas relevantes experiências foram relatadas na quarta temporada do “Podcircus”, podcast desenvolvido pelo CIRCUS/Unicamp, com a inestimável colaboração do Dr. Felipe Braccialli (UFPE). Ao conhecer melhor a diversidade de propostas, espero poder refletir ainda mais sobre os meus “erros” e, quem sabe, evitar a sua repetição.

Errei porque tentei acertar. Errei muitas vezes e de formas diferentes. Por isso, tenho a esperança de encontrar soluções mais adequadas no futuro e, com elas, errar menos. Entendo que errei em algumas ocasiões na leitura da realidade, abrindo muitas frentes e tendo que retroceder em diferentes momentos. Errei, também, no entendimento da dinâmica da vida universitária, que me conduziu a uma extenuante jornada laboral, com desafios financeiros, acadêmicos e uma clara maior atenção à pesquisa. Sei que não errei em dedicar tempo à extensão. Desse modo, acredito na Extensão e na sua relevância social, embora ao ler discussões contrárias como à realizada por Hunger *et al.* (2014), sinto que o erro não seja só meu, mas do sistema universitário ao não dar o mesmo valor-reconhecimento para essa prática. Por isso, insisto que é preciso coerência e conectividade entre as ações de ensino, pesquisa e extensão (BORTOLETO, 2017).

Finalizo lembrando um dos primeiros “conselhos” que recebi ao ingressar na Unicamp, proferidos por uma renomada colega. Ela disse: “a universidade pública deve dedicar-se à pesquisa e não à extensão. Cabe à sociedade ler, interpretar e transferir o que

produzimos aqui”, disse ela. Concluo, após tantos anos, dizendo que não cometi o “erro” de ignorar esse conselho.

Não chores mais o erro cometido;
Na fonte, há lodo; a rosa tem espinho;
O sol no eclipse é sol obscurecido;
Na flor também o inseto faz seu ninho;

Erram todos, eu mesmo errei já tanto,
Que te sobram razões de compensar
Com essas faltas minhas tudo quanto
Não terás tu somente a resgatar;

Os sentidos traíram-te, e meu senso
De parte adversa é mais teu defensor,
Se contra mim te escuso, e me convenço

Na batalha do ódio com o amor:
Vítima e cúmplice do criminoso,
Dou-me ao ladrão amado e amoroso.

William Shakespeare⁶

REFERÊNCIAS

BAGDONAS, A.; ZANETIC, J.; GURGEL, I. O maior erro de Einstein? Debatendo o papel dos erros na ciência através de um jogo didático sobre cosmologia. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, 35(1), 97–117, 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.5007/2175-7941.2018v35n1p97>>

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Não somos fantasmas que circulam invisíveis nas universidades brasileiras: somos pesquisadores de circo. In: INFANTINO, Julieta (org.). **A arte do circo na América do Sul: Trajetórias, tradições e inovações na arena contemporânea**. São Paulo: Edições Sesc SP, 2023. p. 226–242.

⁶ Fonte (original inglês e tradução português): https://pt.wikipedia.org/wiki/Soneto_35

_____. O circo na universidade: por uma coerência entre as práticas de ensino, pesquisa e extensão. In: SCHNEIDER, Omar; GAMA, Jean Carlos Freitas (org.). **Educação Física e seus caminhos: programa de educação tutorial**. Vitória: Virtual Livros, 2017. p. 139–160.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; CASTRO, Alex; BELLOTTO, Maria Luisa. Body Composition Profile and Nutritional Habits of Brazilian National Circus School Students. In: HEINEN, Thomas; JERAJ, Damian; VINKEN, Pia Maria (org.). **Contemporary Topics in Movement Arts – Theories and Applications**. Nova York: Nova Science Publishers, 2023. p. 5–22.

BORTOLETO, Marco Antonio Coelho; MALLET, Rodrigo; TUCUNDUVA, Bruno Barth Pinto. Atividades circenses na FEF-UNICAMP: a construção de uma nova área de estudos e pesquisa. In: BORTOLETO, Marco Antonio Coelho et al. (org.). **Circo: Horizontes Educativos**. Campinas: Autores Associados, 2016.

BRACCIALLI, Felipe; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. A Multiplicidade dos ensinamentos de palhaças e palhaços na extensão universitária. In: SOARES, Artemis de Araújo (org.). **Sociedade, cultura, educação e extensões na Amazônia**. São Paulo: Alexa Cultura e UFAM, 2021. p. 181–200.

CARDANI, Leonora Tanasovici et al. Atividades circenses na escola: a prática dos professores da rede municipal de Campinas-SP. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 25, n. 4, p. 128–140, 5 dez. 2017. Disponível em <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/7723>>

CEDRAN, Débora. Piai et al. A natureza da Ciência e o erro: reflexões sobre o conto “Ótima é a Água” por alunos de Ensino Médio. **Góndola, Enseñ Aprend Cienc**, 12(1), 43-56, 2017. Disponível em <<https://repository.udistrital.edu.co/handle/11349/19034>>

FERNANDES, Marcelo Costa et al. Universidade e a extensão universitária: a visão dos moradores das comunidades circunvizinhas. **Educação em Revista**, v. 28, n. 2, p. 169–

Revista Fluminense de Educação Física. Dossiê: A extensão universitária como espaço de produção de conhecimento e experiência do circo. Vol. 05, n.1, abril 2024. Página

194, dez. 2012. Disponível em
<<https://www.scielo.br/j/edur/a/SfxX7fpVccbMrSSDHqCSNhy/?lang=pt>>

GADOTTI, Moacir. Extensão Universitária: para quê? Instituto Paulo Freire, 2017. Disponível em: <<https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-Universitaria-para-que>>.

GLEIZER, Marcos André. Primeiras considerações sobre o problema do erro em Espinosa: imaginação, inadequação e falsidade. **Analytica - Revista de Filosofia**, v. 17, n. 2, p. 149–180, 2013. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/analytica/article/view/2167>>

HUNGER, Dagmar et al. O dilema extensão universitária. **Educação em Revista**, v. 30, p. 335–354, set. 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/edur/a/bZjxgPjkDx4ssm5RKwFSchy/abstract/?lang=pt>>

MELO, Caroline Capellato et al. Invirtiendo la lógica: niños enseñando circo para adultos – todos aprendiendo. **Educación Física y Deporte**, v. 38, n. 2, p. 357–381, 2019. Disponível em <<https://revistas.udea.edu.co/index.php/educacionfisicaydeporte/article/view/339035>>

MENEGALDO, Fernanda Raffi; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Extensão universitária e reconhecimento social: a experiência do Grupo Ginástico Unicamp. **Revista Internacional de Extensão da UNICAMP**, v. 2, p. e021012–e021012, 23 ago. 2021. Disponível em <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ijoce/article/view/15272>>

MONTANINI, Jéssica Adriana Fernandes; RIBEIRO, Olívia Cristina Ferreira; BORTOLETO, Marco Antonio Coelho. Encontros circenses no Brasil: espaço público, arte e lazer. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, v. 7, n. 2, p. 43–63, 3 dez. 2020. Disponível em <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/21660>>

ONTAÑÓN, Teresa et al. O papel da extensão universitária e sua contribuição para a formação acadêmica sobre as atividades circenses. **Pensar a Prática**, v. 19, n. 1, p. 42–55, 31 mar. 2016. Disponível em <<https://revistas.ufg.br/fef/article/view/35857>>
Revista Fluminense de Educação Física. Dossiê: A extensão universitária como espaço de produção de conhecimento e experiência do circo. Vol. 05, n.1, abril 2024. Página

RODRIGUES, Gilson Santos et al. A extensão universitária e as atividades circenses: notas sobre um encontro formativo. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, v. 28, n. 2, 10 ago. 2020. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/10584>>. Acesso em: 29 out. 2023.

